

Terras caídas, corpos caídos: paisagem e sobre-paisagem de São Paulo de Olivença

Sentados à mesa de Dona Tereza, almoçamos já tarde, por volta das 14:30h, nesse dia. Era domingo e uma marchinha de carnaval da agremiação do bairro Santa Terezinha ecoava da sala. Em 2025, a agremiação não desfilou no carnaval da cidade: o último deslizamento causado pelas terras caídas, em outubro do ano passado, uma semana antes da minha primeira visita ao campo, levou por inteiro a casa de Dona Tereza, onde eram realizados os treinamentos para o desfile na avenida. Com isso, ela ponderou ser melhor deixar de desfilar com a agremiação do bairro por um ano para se restabelecer. Ao contrário da sua antiga casa, grande e pensada para as “festividades de junho”, a de sua filha, Liliana, em que tem morado desde então, não foi planejada para sediar grandes eventos, tornando inviável o treinamento dos foliões e a construção das alegorias carnavalescas.

Dona Tereza e Seu Lili, seu esposo, eram contemporâneos do meu avô, que nasceu em São Paulo de Olivença. Estudaram juntos na escola mais famosa da cidade, Nossa Senhora de Assunção (já fora de operação), até que meu avô se mudou para Manaus. Essa proximidade resultou no meu encontro com a família Abreu ainda em minha primeira visita ao campo, prolongada em uma amizade que serviu de apoio logístico e afetivo durante minha estadia na cidade. Seu Lili, um senhorzinho já nos seus 70 e poucos anos, adquiriu algumas limitações físicas depois da pandemia de COVID-19, agravadas pelo seu quadro diabético. Ainda hoje, ele se orgulha de ter sido rábula¹ da cidade em seus “tempos de ouro”, ganhado debates contra advogados renomados e ministrado aula como professor primário para dois prefeitos de São Paulo de Olivença.

O cotidiano que eu compartilhei com a família Abreu foi amplamente ditado pelo ritmo de Seu Lili. Em sua cadeira de rodas, quieto, mas observador, Seu Lili é rígido quanto aos seus hábitos alimentares e de higiene, participando pontualmente nas conversas que tínhamos em grupo. Pela manhã, era sagrado ver Dona Tereza fazer o café doce, oferecido a moradores e visitantes da casa, e o café sem açúcar, dado a Seu Lili, enquanto um de seus filhos, normalmente Hallen, auxiliavam com o banho do pai. O cronograma, portanto, girava em grande parte em torno do patriarca da

¹ Advogado sem formação reconhecido pelo seu amplo nível de conhecimento das normas jurídicas.

família. Neste dia, por exemplo, enquanto esperávamos o almoço ficar pronto, lá por volta das 13h, Seu Lili já estava almoçando.

Sentados à mesa, eu e Tati, filha do casal, conversávamos sobre a antiga casa deles, no bairro Santa Terezinha, a alguns 2 km de onde estávamos (no bairro Campinas), quando fomos interrompidos por Seu Lili, normalmente calado. Mencionando a cidade de São Paulo de Apóstolo (um dos primeiros nomes dado a SPO), ele nos perguntou se conhecíamos a origem do nome da cidade. Já havia lido em alguns trabalhos, mas respondi que sim principalmente porque essa era a terceira vez em que Seu Lili nos contava este relato. Naquela cidade, ele disse, era tudo muito lindo, diferente de onde estávamos. Lá, um casal de europeus teria aportado na terra após uma longa viagem e se apaixonado pelo ambiente em torno, sobretudo por uma certa borboleta azul-celeste que só existia em sua cidade, Olivença, e isso teria dado origem ao nome São Paulo de Olivença. “Aqui nessa cidade” (no bairro Campinas), “não é como lá” (no seu antigo bairro Santa Terezinha), ele nos contava.

O relato de Seu Lili mistura elementos de duas histórias contadas para descrever o surgimento do nome da cidade. Na primeira versão, conta-se que uma família portuguesa teria viajado, em 1815, até o Rio Javari na intenção de lucrar. Falhando em sua ambição, eles decidiram voltar para a cidade de Olivença, sua terra natal. Na volta, descendo o Solimões, o filho único do casal adoeceu e eles desembarcaram nas terras em que hoje está sediada a sede do município. Lá, a mãe fez uma promessa a São Paulo Apóstolo, padroeiro do povoado, para que seu filho não morresse na viagem. Uma vez curado, a família passou a realizar, anualmente, a festa de São Paulo, que passou a ser chamada pela comunidade de “festejos dos Olivenças”. Em uma segunda versão, o nome é atribuído à popularidade entre os pesquisadores das borboletas azul-celeste da espécie *Olivençus*, com detalhes pretos e amarelos, encontrada nas áreas de terra firme no período da vazante do rio Solimões, nome que teria se popularizado entre os moradores da localidade (Reis, 2022, p. 67).

Interessado no dissenso que Seu Lili estabeleceu em sua fala entre um “aqui” e um “lá” de uma distância que pode ser resumida a uma longa ladeira a separar os dois bairros, decidi, nesse dia, hesitar. Se Tati e Hallen justificavam a fala de Seu Lili pelo seu esquecimento, optei neste dia por conceber a sua afirmação como a construção de uma oposição entre duas espacialidades que

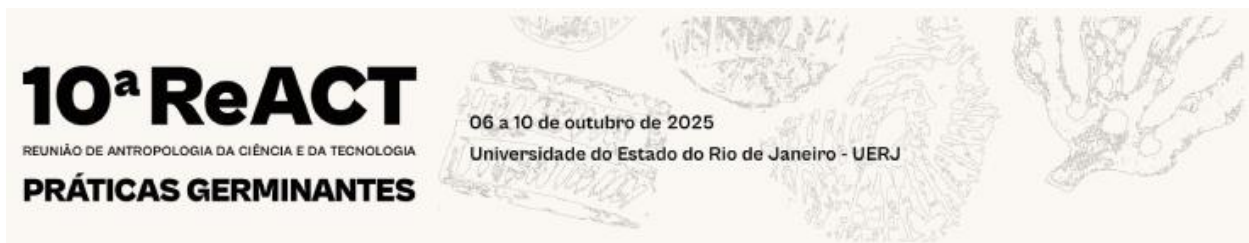
também englobam um plano temporal. A vida que ele vivia lá não era, por certo, a vida que vivia aqui, teimei com Tati e Hallen. Para ele, me parecia, o ambiente em torno e a temporalidade em que estava inserido eram diferentes: não era mais a mesma cidade, o voar da borboleta não se fazia presente ali onde estávamos, ao menos não aquele da borboleta azul com detalhes pretos e amarelos que brilhava os olhos dos visitantes.

- **Nas ruínas da “maior cidade do mundo”**

Se em 2025 não saiu, a agremiação Unidos de Santa Terezinha definitivamente desfilará na quadra poliesportiva Luciana Mendes no ano de 2026. A ambição foi apontada por Dona Tereza logo em nossa primeira conversa, na sala de estar de sua filha. Lá, ela me mostrou as quase duas horas de vídeos que gravou da apresentação de 2024, com o tema “cambebas: o povo que nasceu da gota d’água”, etnia de sua família. Suas netas foram porta-estandarte e seu sobrinho, “morcego”, outra categoria obrigatória do carnaval. Além de exalar amor pela festa popular, ela defendeu a importância de abordar, nas apresentações, de temas que tratem da cultura local: “precisamos falar sobre problemáticas daqui a partir daqui, não trazer temáticas de outros lugares”, ela disse, criticando uma das agremiações de 2025 que trouxe um mito exógeno para a avenida. Em 2026, o tema do Unidos de Santa Terezinha tratará de um tema local inescapável: as terras caídas.

A animação em tratar da temática foi ratificada pela jovem Jô Cabral, médium em formação. Ela me contou já estar planejando as roupas que irá costurar para a saída do bloco. Jô não desfilou em nenhuma agremiação em 2025, embora tenha se aproximado dos ensaios de um dos quatro blocos. Não gostou da forma como trabalhavam e decidiu ficar um ano sem ‘sair’. A preparação para o carnaval, em seu relato e em outros que ouvi em campo, parecia menos um encontro circunstancial de diferentes atores e mais um prolongamento das sociabilidades já cultivadas nos bairros. Isso ficou ainda mais evidente quando, na esteira de sua crítica, Jô confidenciou sentir saudades do antigo bairro e das amizades que ali mantinha. Com os deslizamentos, cada amiga passou a morar em um lugar distinto, e os encontros tornaram-se mais raros.

Essas mudanças no espaço vivido, que atravessam amizades, festas e cotidianos, estão diretamente ligadas ao que a população chama de terras caídas — fenômenos erosivos que resultam



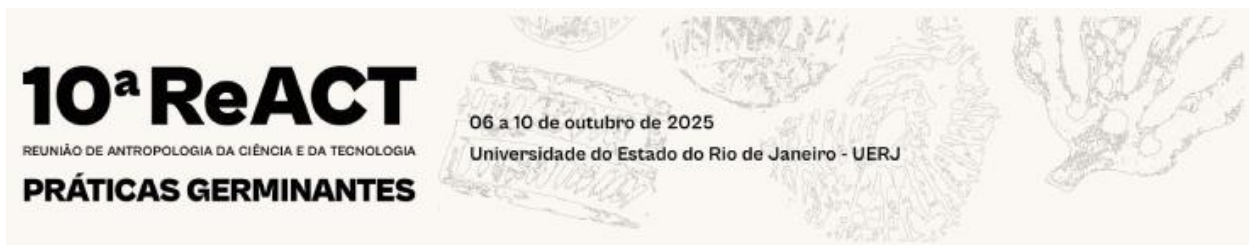
em movimentos de massa. Muitos ribeirinhos conseguem prever esses eventos a partir de um saber empírico, mas a literatura observa que diferentes processos (fluxo de sedimentos, abatimentos, deslizamentos, desabamentos) são comumente tratados como sinônimos, quando na verdade “cada tipo de movimento de massa compõe um fenômeno específico que, associado às ações humanas, caracteriza os desastres quanto à intensidade, frequência e magnitude” (Rodrigues, 2024, p. 62). Impondo à paisagem ribeirinha um dinamismo incontornável, as terras caídas adquirem a conotação de desastre ao se associarem às interações promovidas pela sociedade com o meio².

Sob a insígnia de desastres, o fenômeno emerge como um dos principais problemas vivenciados pelos cidadãos paulenses³. Certo dia, em conversa com Ricardo, um funcionário do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) da cidade, quando ele me perguntou: “Gabriel, tu sabes qual a maior cidade do mundo?”. Intrigado com a pergunta, respondi um tanto sem saber “Nova Iorque”, o que arrancou risadinhas das duas outras pessoas que nos acompanhavam na sala, Sonerly e Célia⁴. Ele então me respondeu: “São Paulo de Olivença, que cai todos os dias e nunca acaba”, desencadeando nos presentes uma nova sessão de risos de pouco mais de um minuto. Apesar dos risos, as três pessoas na sala tiveram grande parte de seus projetos de vida afetados pelas terras caídas e a reconstrução foi assinalada com um processo cíclico, difícil e com pouco apoio da prefeitura.

² Elementos como a litologia (os tipos de rochas presentes na constituição do canal); a neotectônica (ocorrência de abalos sísmicos); o clima (períodos prolongados sem precipitação ou com precipitação intensa); a morfologia do canal fluvial e relevo adjacente (como o encontro de pequenos vales a confluir com o canal principal) e hidrodinâmica do canal são alguns dos elementos trazidos por Rodrigues (2024, p. 64) para compor um quadro dos processos que constituem os distintos deslizamentos de terra. A literatura sobre o tema também reconhece a importância da ação humana no aceleração dos processos naturais. Rodrigues (2024, p. 168) observa que a construção de casas e estabelecimentos comerciais na margem de um rio com vertente de inclinação acentuada, combinada com a retirada de vegetação nativa, resulta na maior recorrência de processos erosivos.

³ Gomes (2023, p. 105) nos dá um parâmetro para entender a dimensão do desastre causado pelos fenômenos erosivos ao relatar que “entre os anos de 2010 e 2016 foi decretado pelo Governo do estado do Amazonas, por meio da Defesa Civil do Amazonas, situação de emergência, e conforme a ação da defesa civil, nesta época foi elaborando um plano de reabilitação do cenário de desastre na zona portuária e áreas limitantes desta cidade”. O autor aponta que, em 2018, 250 imóveis e 1000 pessoas estavam em situação de alto risco por conta das erosões ocorridas na zona portuária da sede do município.

⁴ Sonerly é irmã da falecida Luzia, talvez a rezadeira mais famosa de São Paulo de Olivença. Quando percebi que seu nome aparecia em todas as entrevistas que fazia com especialistas de cura, já que ela era uma das poucas médiuns responsáveis por fazer “coroações” na cidade, busquei entrevistar pessoas próximas a ela. Dessa forma, cheguei até Sonerly, Ricardo e Célia.



Célia me contou que vivia na rua Tenreiro Aranha, antiga zona comercial da cidade, onde o movimento de gente era constante. Ali, além da casa, ela e a família mantinham um pequeno comércio, sustento de todos. Quando o desabamento aconteceu, perderam tudo de uma só vez: a moradia e a principal fonte de renda. A única ajuda recebida veio na forma de um ‘aluguel social’, pago à família inteira — não por pessoa —, um valor de 500 reais destinado a cobrir o aluguel de uma casa para todos, embora fossem muitos. Andando pelo bairro de São João, é possível ter uma dimensão da destruição causada pela erosão da terra. Paredes de bares e casas encontram-se, por vezes, completamente suspensas sobre o grande barranco. Olhando de cima, é quase impossível conceber a existência ali, outrora, de uma grande avenida, hoje traduzida em restos de cimento e madeiras de casas que se empilham entre as vegetações rasteiras.

Sonerly, a terceira presente, também foi criada em um ambiente que não existe mais, no Escadão da Misericórdia. Ali, Luzia, sua irmã, realizava quando viva as coroações dos médiuns e a festa para Iemanjá todos os finais de ano. Os degraus ficavam cheios de médiuns em formação, trajando roupas azuis ou vermelhas (a depender do seu caboclo/encantado) e coroas (para as meninas) ou quepes (para os meninos). Curiosamente, cresci ouvindo falar do Escadão, obra idealizada durante o mandato do meu bisavô como vereador da cidade e da qual o meu avô sempre me contou com orgulho. Mais de cem degraus ligavam o porto (hoje inexistente) à praça central, onde fica a Paróquia. Ainda hoje, o filho de Luzia mora na casa onde a mãe fazia suas rezas, um dos poucos moradores remanescentes na região do Escadão⁵. A alguns 10 metros dali, contudo, restam apenas escombros, com restos de lixo e dejetos humanos ornando as esquinas, tomadas por galhos de trepadeiras.

Conversando com dona Tereza, ela me contou que as terras já caíam, timidamente, antes de 2010. Mostrou-me fotos de rachaduras nas paredes de sua antiga casa e de crateras que se abriram, devagar, no asfalto em frente à sua varanda, onde ficava sentada ao final da tarde para assistir ao pôr-do-sol junto a Seu Lili. Apesar dos buracos, ela não imaginava que, um dia, a casa seria levada por inteiro. Na noite da queda, em 10 de outubro de 2024 (curiosamente, o mesmo dia

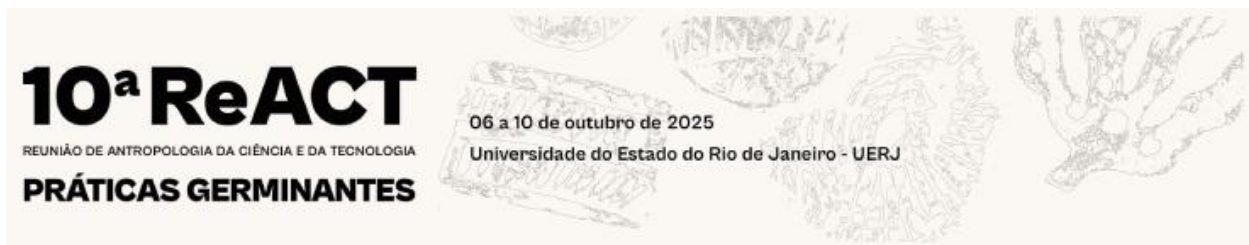
⁵ Com a queda, as pessoas que moravam nas casas do escadão mudaram-se e muitos passaram a alugar as suas casas a preços baixos para migrantes peruanos que, por sua vez, começaram a vender suas mercadorias ali, criando disputas internas entre os comerciantes locais e os migrantes. Muitos desses peruanos mudaram-se à localidade do centro histórico, ainda próxima ao barranco (Rodrigues, 2024, p. 176).

e mês em que houve o primeiro grande deslizamento, em 2010), Liliana e suas filhas, Vick e Dani, estavam dormindo na sala. Ao ouvirem o barulho da terra deslizando, saíram correndo da casa, sem nem avisar sua avó. Esta foi acordada pelo irmão de Liliana, Hallen, que dormia no quarto ao lado. Após a queda, saqueadores invadiram a casa e levaram alguns itens, como a botija da família, que foram depois recuperados pelos filhos.

A descrição é próxima àquela feita por Xinhaco. Segundo ele, as casas próximas a sua passaram a cair por volta de 00:00h. Ele estava jogando dominó no Recanto do Guerreiro, bar próximo à sua residência quando, ainda umas 23:40h, começou a ouvir o barulho. Saiu do bar apenas para ver as casas caindo, de uma por uma, enquanto as mulheres gritavam “num alvoroço doido” no escuro, já que a energia elétrica fora cortada diante da queda do poste de luz. Às 05:00h da manhã, começou a carregar junto a colegas os pacotes de cerveja que estavam no Recanto, pois no dia seguinte, sexta, haveria uma festa no local. Até hoje, o bar existe, mas não com o mesmo poder de atração que havia antes.

Por coincidência, acompanhei o dia em que a Defesa Civil foi colocar placas de “risco” em frente à casa de Xinhaco, a última existente antes do barranco. Irresignado, ele disse que não sairia dali enquanto a prefeitura não lhe desse um terreno para construir outra casa. Neste meio tempo, tem mobilizado familiares e advogados para conseguir um “laudo de risco” da casa para subsidiar um pedido judicial de ressarcimento. Observou, contudo, que a terra não tem puxado mais: “não se ouve mais aquele barulho”. Por ora, então, não pretende sair de lá, mas evita que sua mãe, uma mulher idosa, durma em sua casa, preocupado com possíveis deslizamentos. Xinhaco me mostrou como ao redor de sua casa tudo já caiu. Passei pelos escombros junto ao seu sobrinho, apoiando-me com cuidado em frágeis estacas de madeira ou restos de cimento das casas que antes se espalhavam pela extensão do bairro.

Para os que ficaram no bairro, as terras caídas alteram o cenário ao redor. No tempo em que estive em campo, a ponta de Santa Terezinha, onde fica a casa de Xinhaco, havia se tornado um local particularmente habitado por usuários de drogas, indivíduos que iam “cheirar brilho” ali próximo. Enquanto conversávamos, ele me mostrou alguns vídeos dessas pessoas fazendo uso de drogas bem em frente à sua casa, por vezes tornando-se agressivas, empunhando facas pequenas, diante dos gritos do morador para que saíssem. Localizada próximo à tríplice fronteira, São Paulo



de Olivença está particularmente exposta a esse tipo de trânsito e era comum ouvir durante o almoço histórias de pessoas apreendidas ao tentarem embarcar ou desembarcar com altas quantidades de substâncias entorpecentes.

Em um passeio pelos livros didáticos escritos por alunos de ensino primário⁶, identifiquei mais de uma dúzia de histórias sobre os riscos das drogas para a vida das pessoas, demonstrando que o problema é latente na cidade. Certa tarde, subi o morro de Santa Terezinha, bem em frente ao barranco feito pelas terras caídas, para melhor visualizar o pôr-do-sol junto a um amigo. Lá, fomos surpreendidos por 5 pessoas agachadas entre os matos fazendo uso de substâncias entorpecentes. Foi a última vez que me aventurei no local.

Se hoje esse espaço “vazio” é ocupado por usuários de drogas, o espaço era utilizado, antes, para realizar o levantamento e derrubada do mastro em comemoração à Festa de São Paulo Apóstolo, seguido pelo clássico forró do Seu Lili, ambos sediados por Dona Tereza desde 1971. Ao andar pelos escombros, é quase possível visualizar as lembranças descritas vividamente pela minha interlocutora. De sua varanda, ela via as pessoas chegando das comunidades para tomar o clássico combo nescau com a bolacha trator oferecido na festa. Recebia em sua ampla varanda os/as voluntários/as para a preparação da comida da festa e em frente à Feira Nova, distante a uns 20 metros de sua casa, levantavam o belo mastro, adornado com enfeites trazidos pelos cidadãos.

Durante o ano inteiro, pessoas de diferentes bairros interagem nas festas organizadas pelas famílias em cumprimento a promessas feitas aos seus santos padroeiros. Bandeirolas coloridas são penduradas em fios que cruzam os céus dos bairros, onde realiza-se o levantamento e derrubada do mastro. Um real mercado de disputas entre quem organiza a melhor festa para o seu santo é desvelado nessas ritualísticas. A importância das promessas para as comunidades amazônicas já foi documentada em etnografias clássicas (Galvão, 1955; Wagley, 1957), mas também em etnografias contemporâneas voltadas especificamente para o estado do Amazonas (Gomes, 2019; Penaforte, 2021; Rubem, 2022; Salgado, 2016).

⁶ Realizei três visitas à Escola Domenico Mázio para acessar o acervo de livros escritos pelos alunos da quinta série. A intenção era encontrar o livro escrito com base na história de Íris, narrada no terceiro capítulo desta dissertação. Acabei encontrando um rico acervo de histórias sobre encantados, mas também sobre problemáticas próprias à cidade.



Os santos, nesses registros, ocupam o espaço cosmológico dos ribeirinhos junto a outros seres, que vêm das matas, das águas e do ar. Em São Paulo de Olivença, essa manifestação de catolicismo popular possui, por vezes, maior ou menor distanciamento entre os campos religioso e secular. Dona Tereza me contou animada da vez em que “até o padre” decidiu vir à sua festa. Recebeu-o de braços abertos e como símbolo de uma grande honra, mas essa não é uma configuração comum em outros recortes de histórias da cidade. Sobre esses festejos, descreve Kirna Gomes (2019, p. 31):

A "tiração" do mastro é um ato religioso comum entre os nove municípios do Alto Solimões (Fonte Boa, Tonantins, Santo Antônio, Amaturá, São Paulo de Olivença, Benjamin Contant, Atalaia do Norte e Tabatinga), justamente a região no qual trafegava navios de comerciante espanhóis e portugueses, além das missões religiosas carmelitas e jesuítas. A cerimônia de "tiração" é realizada por devotos, um grupo de homens que retiram da floresta um tronco de árvore resistente para, depois levantarem em frente à casa da família devota ao Santo. Logo depois deste ato, as mulheres e crianças enfeitam o mastro com frutas típicas da região e com folhas de samambaia, banana e cipó, colocados em volta do troco da árvore. Antes de ser levantado, o padre da comunidade realiza uma missa em referência ao santo, abençoando a família devota. No alto do "paude-mastro" levanta a imagem do Santo. É uma manifestação religiosa que tem sua origem em promessas feitas pelos devotos a Santos da Igreja Católica.

Realizada no final de junho, a festa é o resultado de uma promessa feita para a melhoria da saúde de Liliana, filha mais velha do casal. Na data alusiva a São Paulo de Apóstolo, Liliana sempre adoecia, até que, ao completar 3 anos, a promessa foi feita. Desde então, não deixaram de realizar a comemoração em nenhum ano, mesmo durante a pandemia de COVID-19. Orgulhosa, dona Tereza me conta que, uma semana depois de ter sido liberada do hospital, ainda angariou esforços para cumprir a sua promessa em 2020. Enquanto escrevia esta dissertação, recebi vídeos da festividade, com Seu Lili sentado em frente à varanda da casa de Liliana, enquanto suas lágrimas corriam pelo rosto em contraste com os aplausos dos fiéis que carregavam o mastro.

- **Cobras, maldições e padres: nos escombros das causas**

A força do desastre e o impacto que causa na vida de quem o enfrenta fizeram crescer minha curiosidade em relação à forma como Dona Tereza abordará o tema no carnaval de 2026. Ela me contou que tratará das causas que explicam a ocorrência do fenômeno. Fabiam Gomes (2023, p. 84) registrou, em pesquisa no Alto Solimões, uma explicação ribeirinha bastante difundida na Amazônia: as terras caídas seriam obra da cobra grande. Com seu corpo descomunal, ela teria

moldado boa parte dos rios e provocado as quedas de ‘barrancos’ (terraços fluviais). Ao rastejar, deixaria sulcos imensos na terra, que, com o tempo, se transformam em rios; e, onde quer que repousasse, surgiria uma grande ‘queda de barrancos’. Já Francisco Rodrigues (2024, p. 60) recolheu outras hipóteses narradas pelos ribeirinhos de São Paulo de Olivença:

Para os ribeirinhos as Terras Caídas assumem um caráter místico ou sobrenatural associado a relatos fantasiosos que buscam explicar a origem do fenômeno e os porquês dos eventos, tais como:

- a) o tracajá ou a cobra grande que estão no subsolo e se movem provocando os desmoronamentos;
- b) o macaco que pula na margem do rio à frente da casa do caçador até que ela caia como uma forma de vingança por ele ter matado a família do macaco;
- c) ou ainda a vingança de um pajé sobre uma comunidade indígena.

Embora não tenha ouvido sobre tracajás que se movem no subsolo, macacos que pulam na margem do rio ou retaliação de pajés, a figura da cobra grande e a ideia de vingança apareceram em minhas incursões de campo. A primeira história me foi contada repetidas vezes, mas em versões que variam, ligeiramente, os papéis assumidos por cada um dos agentes nesse processo de vingança/maldição. No primeiro relato, aquele contado por Dona Tereza, mais simples, havia um certo padre que era “muito ruim” com a população. Maltratava e aplicava castigos físicos aos aldeados. Em certa ocasião, revoltados com as atitudes do pároco, os locais decidiram amarrá-lo e espancá-lo, jogando-o dentro de uma vala. Uma vez liberto, o padre foi embora da cidade, mas, antes de deixar o território, tirou as sandálias, molhou os pés na água e pisou uma última vez descalço na cidade, amaldiçoando-a: “Essa cidade nunca vai para frente”⁷. Desde então, as terras começaram a cair e a vida se tornou mais difícil.

Em outra versão dessa mesma história, contada por Sonerly, alguns brincantes de carnaval teriam roubado, décadas atrás, a batina do padre para usá-la em suas folias. Naquele tempo, os padres eram vistos como figuras santificadas e intocáveis, e suas roupas carregavam essa mesma sacralidade. Vestindo a batina para dançar no carnaval, os foliões despertaram a ira do pároco, que decidiu deixar o município. Antes de partir, à beira da ponta de Santa Terezinha — no limite do bairro citado — lançou uma maldição sobre a cidade. Calçou as sandálias, bateu-as com força no chão e declarou que não levaria ‘nem o pó’ daquele lugar, mas que a cidade começaria a cair. A

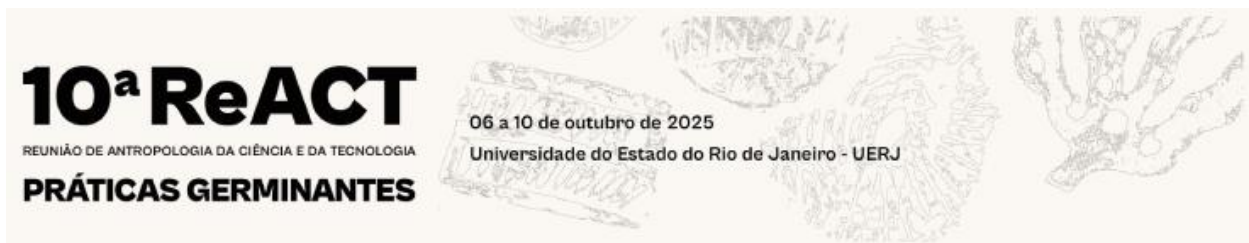
⁷ A noção de falta de sucesso atribuída à maldição de um padre também é contada a Eduardo Galvão (1955) pelos cidadãos de Itá em trabalho de campo em 1948 em Gurupá, no Pará.

partir de então, pequenos deslizamentos foram surgindo, até que a situação se agravou a ponto de Sonerly ver a própria casa de infância sucumbir às terras caídas.

Outra explicação me foi contada pela rezadeira Jurema. A conversa começou com uma frase que ela repetia sempre: ‘Em São Paulo de Olivença, tem muita maldade’. Em seguida, perguntou se eu sabia por que tantas pessoas se suicidavam na cidade. Eu, sem imaginar a gravidade desse dado, respondi que não. Foi então que ela disse ter ouvido de Ubirajara, seu caboclo, a origem dessa maldição que recai sobre o lugar. Segundo ele, a cada sétima virada de Lua, um espírito híbrido — metade freira, metade padre — desce à cidade para levar consigo as almas dos vivos. Nessas ocasiões, de cinco a seis pessoas tiram a própria vida em sequência, quase sempre jovens entre treze e quinze anos. A história desse espírito teria começado com uma tentativa de violência: o padre tentou abusar da freira, que, além de tudo, era sua irmã. O incesto, mesmo sem o consentimento dela, recaiu como condenação sobre ambos, e os dois foram punidos. Desde então, retornam juntos, fundidos em uma mesma entidade, para assombrar São Paulo de Olivença e cobrar sua vingança.

O tema do incesto apareceu de forma recorrente nas conversas que tive em campo. A principal história foi aquela de um senhor que virava cavalo no bairro Santa Terezinha, próximo à Feira Velha, local onde hoje há o barranco causado pelo deslizamento de terras. Essas pessoas “metamorfos” assumiram nos distintos relatos diferentes configurações. Ouvi falar de uma mulher que conseguia retirar a própria cabeça e deixá-la rodando, como uma bola, para assustar transeuntes desavisados. Também ouvi sobre um homem que se tornava um jaburu, pássaro bicudo cujo material foi mencionado como ingrediente para poderosos feitiços. O homem, contou-me um amigo, utilizava-se do livro de São Cipriano, tendo recebido como castigo a sina de transformar-se em bicho, muito embora meu amigo não tenha sabido me explicar sob quais circunstâncias as trocas de corpo ocorriam.

A metamorfose corporal nessas conversas foi, de modo quase unânime, atribuída ao ato de se relacionar com alguém da sua família. Meus interlocutores me contaram histórias de um casal de irmãos que até hoje vive em comunhão. Após algum tempo, a irmã teria desenvolvido um inchaço na região íntima, castigo pelo incesto, motivo pelo qual teria ficado mal falada entre os vizinhos. Como em outros casos, ela também se transformava em bicho, mas não cheguei a



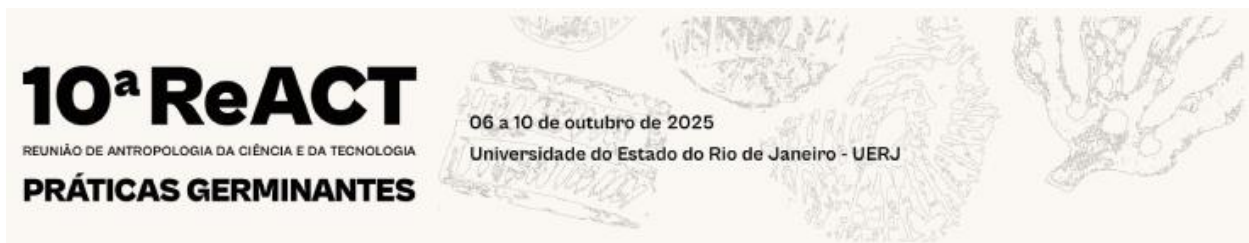
conhecê-la ou a saber seu nome ou endereço. Em casos como esse, a melhor medida para se proteger é atacar o bicho misterioso com algo que lhe dê alguma marca. Caso apareça, no dia seguinte, uma pessoa com um machado na mesma região do corpo, o ofensor pode ter certeza de que se trata de uma pessoa-bicho. Foi assim que descobriram a identidade humana do cavalo de Santa Terezinha.

Na literatura sobre os ticuna, o tema do incesto intraclânico é tratado como uma das causas das tragédias que recaem sobre o mundo⁸. Aline Magalhães (2014) documentou na comunidade ticuna Filadélfia, município de Benjamin Constant, histórias em que o incesto intraclânico levava as pessoas ou a tornar-se bicho ou a verem bichos (*nã'ãcuane*, espíritos de animais transfigurados) e registrou um episódio em que uma de suas interlocutoras, Bütchira, “foi chamada por uma amiga de cavalo, denominação comumente usada para designar aqueles que se casam com primos/irmãos” (Magalhães, 2014, p. 110). Também traçaram, em seu campo, uma relação de causalidade entre o incesto e a “ruína de um povo” (Magalhães, 2014, p. 112), o que cita para destacar a preocupação intergeracional com o respeito às clãs e metades.

Com o cuidado de aproximar distintos marcos conceituais para a definição de incesto (por um lado, o incesto familiar e, por outro, o incesto intraclânico), acredito ser possível traçar uma relação de continuidade entre os discursos difundidos sobre os casos de metamorfose diante do cometimento do incesto em São Paulo de Olivença com essas observações de etnografias feitas junto aos ticuna de regiões próximas. A ideia da “ruína de um povo” reverbera nas versões contadas sobre a maldição do padre e a estagnação da cidade. O distanciamento de um tempo mítico em que as regras eram seguidas parece ecoar nesses distintos registros em torno do incesto. Curiosamente, a figura do cavalo também se repete nesses distintos registros.

Distanciando-se do registro da vingança/maldição, o outro conjunto de explicações mais bem difundidas sobre as terras caídas diz respeito ao movimento da cobra grande, esse ser imenso que cruza as águas dos rios amazônicos e que, ao se movimentar, leva consigo (por ser muito grande) partes das costas das cidades ribeirinhas. A quantidade de cobras presentes nesse mundo

⁸ Recorrendo aos mitos ticuna, Maria Bueno (2014, p. 58) descreve que a desobediência a Yo'i, um dos gêmeos criadores do universo, por meio do incesto clânico, inaugurou um período mais difícil entre os ticuna, distanciando-os do tempo encantado.



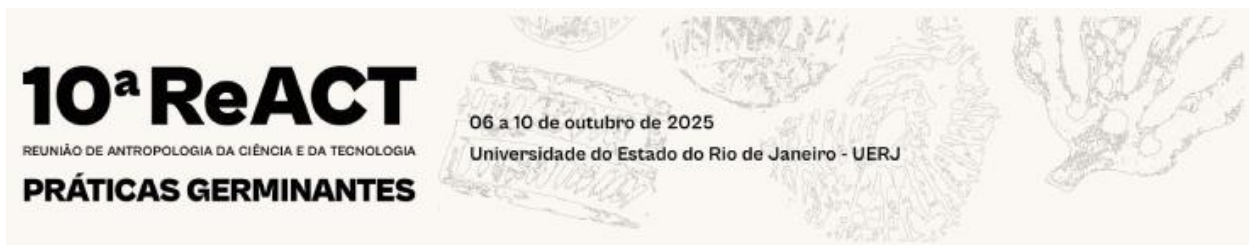
subaquático, o seu tamanho e difusão pelas águas do Solimões são informações que consegui colher tão somente de modo difuso. Certo é que a cobra aparece, por vezes, mencionada como parte de um sistema mais amplo de “encantos”. Nesse sistema cosmológico, os moradores “de baixo” (do fundo do rio) podem irritar-se com a poluição sonora produzida aqui em cima e, como forma de castigar-nos (humanos) pelo desrespeito, *puxam* a terra.

O incômodo dos encantados com o barulho apareceu em conversas que tive com rezadores e rezadeiras. Conforme me explicaram, assim como temos nossas casas aqui em cima, também eles as têm lá embaixo. Fazer zoada, portanto, é incomodá-los⁹. Isso explicaria o motivo de a erosão ter se dado mais intensamente próximo a um dos principais bares da cidade, o Recanto do Guerreiro. Explicação semelhante aparece entre os interlocutores de Edna Alencar (2002) em etnografia tecida junto ao povoado São João, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (região do Médio Solimões), quando falam com ela sobre a mudança dos locais de ilhas, poços e remansos:

Como as pessoas, os encantados não gostam de ser incomodados em suas casas. Quando perturbam o sossego do encantado, ele muda de lugar e leva junto a terra sob a qual tem sua casa. Ao sair, ele provoca a transformação da paisagem, assim como o povoado muda de lugar quando se alteram as condições do ambiente, seja pela terra caída ou pela formação de ilhas. (Alencar, 2002, p. 171)

A paisagem para os seus interlocutores, portanto, é o resultado da confluência entre agências humanas, sobre-humanas e “da própria natureza”. Não se trata de um cenário sobre o qual se desenvolvam as ações humanas, mas da síntese de distintos processos de significação do mundo que servem de subsídio para compreender a construção identitária de seus interlocutores, já que por vezes emerge como um elemento constitutivo da diferença (Alencar, 2002, p. 176). Nessa relação com o mundo, os locais são distribuídos entre gradações de “mais” ou “menos” perigosos, a depender da influência que os seres encantados têm sobre as espacialidades, recorte similar ao que encontramos em São Paulo de Olivença.

⁹ Em trabalho de campo realizado em São João de Pirabas, no Pará, Hermes Veras (2022, p. 55) questionou à encantada Tóia Jarina onde residia o Rei Sabá. A entidade respondeu que ele estava voltando para a Praia do Castelo, pois hoje é mais respeitado. Detalhou: “Ele se afastou daí, porque agora não, era muita baderna anteticuna era respeitado. Aí fica mais lá, mas agora tá voltando”. A transversalidade desse tema indica o cuidado necessário no tratamento entre os seres de cima e os seres de baixo.



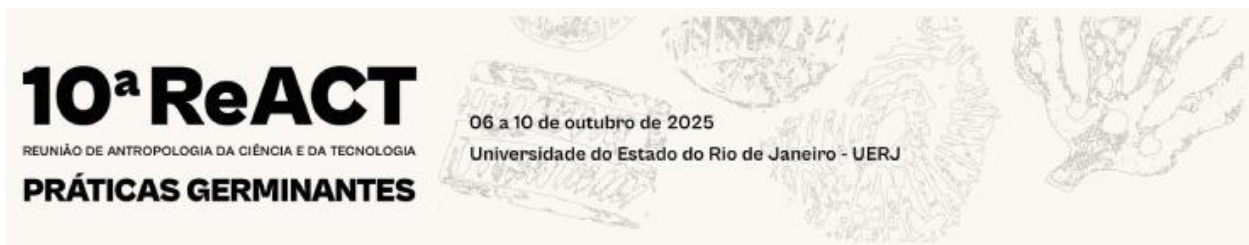
Uma última narrativa invocada para explicar as terras caídas ativa essas noções de risco e cuidado entre os seres de cima e os seres de baixo¹⁰. Trata-se da história de uma criança que teria sido levada ao encanto após o príncipe do Reino do Fundo ter se apaixonado por ela. Diante de uma série de investidas dos humanos, em confluência com forças outras, os encantados foram obrigados a devolvê-la à superfície, o que não os deixou, de modo algum, satisfeitos. A vingança dos encantados foi puxar as terras nas quais a menina se tornaria princesa regente, iniciando pelo bairro de São João, até o bairro de Santa Terezinha. Curiosamente, os desabamentos dos dois bairros e o desaparecimento da criança ocorreram na mesma época do ano, no início de outubro.

Com os deslizamentos, a beira do rio deixa de ser apenas lugar de morada e de pesca; torna-se limiar entre o que se segura e o que escapa, entre a vida que permanece e a terra que cede. Muitas famílias se afastaram, buscando encostas mais firmes, mas a cidade continua a se mover — não só pelo esforço humano, mas pelas forças invisíveis que habitam os mundos existentes em São Paulo de Olivença. A maldição do padre, o incesto e a Cobra Grande desenham a cidade junto com o fluxo das águas, moldando as margens, abrindo sulcos e criando paisagens que só podem ser compreendidas quando se caminha com os olhos atentos ao que se revela entre o que está em cima e o que jaz sob o rio. Ao carregar os detritos, as águas também levam memórias e fragmentos de vida, mas em seu movimento, todo um novo mundo se desvela: um mundo reinventado, onde destruição por vezes se entrelaça ao encantamento.

- **Os corpos que afundam: rezadores e rezadeiras descrevem o Fundo**

“Entra-se na água como se entra no mosquiteiro.” Ao longo do campo, em ocasiões distintas, ouvi essa mesma frase repetida por três pessoas diferentes, cada uma dando à imagem um peso próprio, uma maneira particular de sentir a água. Ao adentrar a água, entra-se num outro espaço que guarda mundos próprios. É nesse gesto de imersão que começam a se revelar as cidades do fundo — aquelas que existem por baixo de São Paulo de Olivença —, lugares narrados pelos rezadores e rezadeiras e que só se mostram àqueles capazes de escutar as vozes das margens, a sentir o pulso das águas e a perceber as vidas que se ocultam entre o que flutua e o que afunda.

¹⁰ Descrevo melhor o caso no terceiro capítulo desta dissertação.



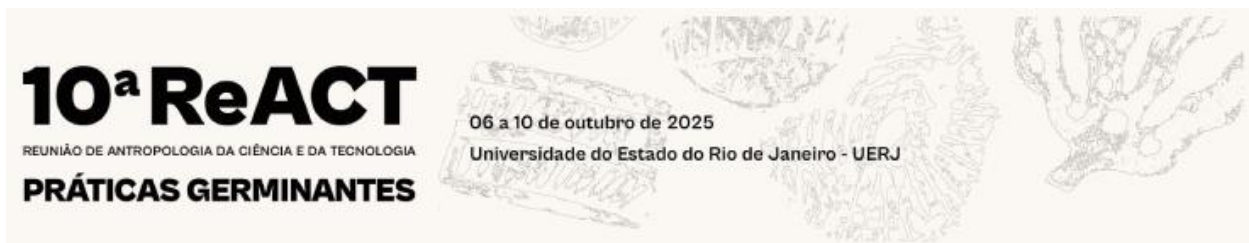
A descrição mais detalhada que registrei da cidade do fundo foi em uma conversa que tive com Higson, rezador de 41 anos do bairro São João. Ele sempre teve uma vivência espírita, mas ainda era cético quanto a alguns aspectos desta doutrina religiosa até que, aos 39 anos, visitou o encanto e viu “com seus próprios olhos” a existência de um outro mundo além do humano. Dormia tranquilamente quando, por volta das 20h, duas pessoas se aproximaram de sua cama, dizendo que vinham buscá-lo. Levaram-no até um comércio próximo à sua casa e ele, da ponta de São João, viu um navio imenso, com uma grande porta que se abriu para ele entrar, similar à porta de um avião. Olhando de longe, pescadores transeuntes viam apenas um navio, mas um médium saberia que aquilo era, na verdade, uma cobra¹¹.

No corpo do navio-cobra, o rezador viu de tudo, desde restaurantes, até áreas de lazer, mas ele não podia comer e nem beber nada, senão não conseguiria mais voltar. Na “casca da cobra”, que se tornava fina ao chegar perto do rabo, Higson via povos que trabalhavam em linhas diferentes daquelas em que ele próprio trabalhava enquanto espírita e, entre as cobras que observava, via seres do bem e seres do mal. Ele entrou em um auditório em que se reuniam todas as linhas (marujos, indígenas e “gente de todo tipo”). Lá, um tapete vermelho levava a um palco onde o mestre Jorge determinava quais linhas trabalhariam em cada dia. Essa foi a última vez em que viu o mestre Jorge, pois logo depois ele deixou os trabalhos para o Rei Sebastião, o mesmo rei das águas cristalinas, encantos mais pesados, em que “tu joga uma coisa e não encontra mais”. Esses encantos das águas cristalinas¹² englobam caboclos como Jarina e Mariana.

Naquela noite, enquanto o navio andava a uma altíssima velocidade, os encantados lhe ensinaram tudo o que ele precisava saber para trabalhar como um curador. Ao chegar na praia dos

¹¹ Na etnografia clássica de Charles Wagley, há menção a uma “cobra grande navio”, que se dirigia ao público com as luzes acesas. O autor fala de um seringueiro que descansava em um barracão “quando ouviu o ruído do motor de uma embarcação fluvial e em seguida avistou o barco aproximando-se do cais abandonado. Era um grande barco, todo iluminado [...]. Subitamente, virou na mesma direção de onde viera” (Wagley, 1957, p. 321). Em campo, a rezadeira Perpétua me relatou que, embora ela própria nunca tenha visto a Cobra, sua mãe, a rezadeira Sabá, já viu as costas da cobra tornando-se navio no horizonte do Solimões. As referências ao aspecto metamorfo da cobra-navio são abundantes em etnografias amazônicas.

¹² Gustavo Pacheco (2004) documentou uma distinção entre encantados das águas doces e os encantados das águas salgadas. Esse tipo de distinção apareceu em mais de um momento nas conversas que tive em campo como uma diferença entre os que são “de lá” e os que são “de cá”.



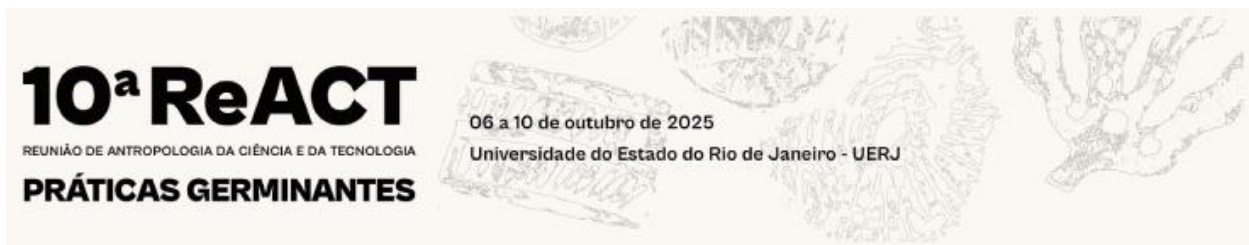
Lençóis¹³ (centro do encanto e destino final da viagem), viu mulheres lavando roupa nas pedras, crianças brincando e senhoras com ramas de plantas numa feira de ervas, todas vestidas de branco. Embora tenha ouvido falar de rezadores que conseguem ir ao fundo e voltar, como seu avô, essa foi a última vez que visitou o local. Às 5h da manhã, Higson retornou para casa e aprendeu que “em cada uma dessas bocas do rio é um encanto”.

De modo semelhante, Cristiomar, rezador de 35 anos do bairro Santa Terezinha, me contou das visitas à cidade encantada que realiza enquanto trabalha em suas sessões de cura. Nesses momentos, ele chama o navio, que atraca nos fundos de sua casa, em um barranco à beira do Rio Solimões. Através de uma escada com um tapete dourado, ele entra no navio-cobra enquanto é saudado pelos encantados na entrada da cidade, cheia de riquezas e castelos. Lá, sua companheira/namorada (do fundo) vem buscá-lo e eles fecham a porta do navio. Na cobra, viajam juntos a locais como Manaus, Rio de Janeiro ou São Paulo em uma rápida velocidade, “num piscar de olhos”. Ao passar pelo encontro das águas, onde se tocam as águas dos rios Solimões e Amazonas, vê o maior castelo do encanto.

Da janela, também vê o “final do mundo” de um lado e de outro. O mundo lá embaixo, ele me detalhou, é como o daqui de cima, com todas as coisas que existem aqui, com a diferença de que quem vive no fundo experimenta uma vida de riquezas, “é ouro para tudo quanto é lado”¹⁴. Não se gasta com comida e não se tem que trabalhar. Próximo ao término da sessão, que dura no máximo uma hora e meia, intervalo em que fica o tempo todo dentro do castelo, os encantados batem um sino e Cristiomar é devolvido pela boca da cobra: sua companheira do encanto o deixa na porta e ele volta para a terra.

¹³ As Praias dos Lençóis são um centro importante da encantaria como concebida por praticantes da Mina Paraense e Maranhense (Leacock; Leacock, 1975; Pacheco, 2004; Pereira, 2017; Veras, 2022).

¹⁴ A ideia de que o encanto é um universo de riquezas também é partilhada em outras localidades amazônicas. Diz-nos Eduardo Galvão: “Entre os sobrenaturais que se acredita habitar o fundo dos rios e dos igarapés ou dos “poções”, estão os companheiros do fundo, também chamados caruanas. Habitam um “reino encantado”, espécie de mundo submerso. O “reino” é descrito à semelhança de uma cidade, com ruas e casas, mas onde tudo brilha como se revestido de ouro. Os habitantes desse “reino” do fundo dos rios têm semelhança com criaturas humanas, sua pele é muito alva e os cabelos louros. Alimentam-se de uma comida especial que se provada pelos habitantes deste mundo, os transforma em encantados que jamais retomam do “reino”. Os “companheiros do fundo agem como espíritos familiares dos pajés ou curadores.” (Galvão, 1955, p. 92).



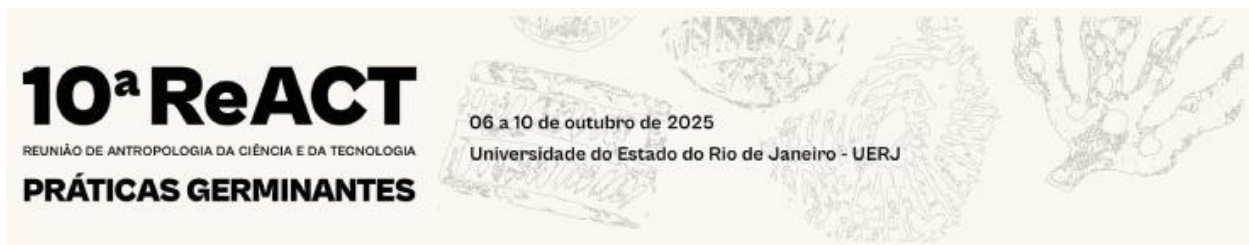
Embora Cristiomar descreva com detalhes sua experiência, é comum ouvir de outros rezadores, como o próprio Higson ou Ranolfo, rezador do bairro de São João (63 anos), que hoje em dia é difícil alguém ir e voltar do fundo, algo que era comum antes¹⁵. As visitas do último ao reino do fundo foram feitas somente em sonhos. Nessas viagens oníricas, normalmente ocorridas no momento da incorporação, “a gente vai, a gente dorme, a voz modifica”, ele relatou. Lá, ele viu botos que viram gente e cobras grandes que funcionam, novamente, como navios que “trazem” os caboclos para a superfície. Assim como o acesso ao fundo é diferente para cada rezador, também os modos de se aprender junto ao encanto são muito diversos.

Dona Idarcy, rezadeira do bairro de Santa Terezinha (78 anos), nunca visitou o encanto, mas teve contato com esse mundo de outro modo. Quando trabalhava “com o espiritual”, na época em que tinha saúde para tanto, ela primeiro tratava os enfermos com remédios caseiros ou “da terra”. Caso eles não melhorassem, ela cuidava deles com remédios trazidos do encanto. A rezadeira, com ajuda de banqueiros¹⁶, colocava alguns pires sobre uma mesa dentro de um quarto de sua residência, enquanto o grupo ficava na sala da casa de madeira, do lado de fora, entoando cantos e fazendo orações. Ao ouvir “o zoad”, abriam a porta do quarto e viam os remédios (que incluíam comprimidos, injeções, ampolas e pastilhas), sempre específicos para o tratamento de cada paciente, dispostos sobre a mesa.

Complementou dizendo que, em São Paulo de Olivença, há muitos encantos “de boto” e “de cobra grande”, seres que, lá embaixo, são animais, mas que, em terra, viram gente. Apenas médiuns conseguem conversar com encantados mas, para médiuns e não médiuns, o risco de ser “pego” pelo encanto é uma virtualidade em iminência. Segundo Dona Valentina, rezadeira de 72 anos do bairro Bonfim, os bichos do fundo podem fazer o bem, mas também podem fazer maldade. Se você vai no encanto deles e mata peixe ou mata o boto, eles tacam flecha. Ao ser flechada, a pessoa sente dor em todo o corpo e na cabeça, e é necessário chamar caboclos para ajudar a tirar a flechada.

¹⁵ A ideia de que os pajés de antes podiam ir e voltar do fundo aparece como um elemento central nas etnografias de Kauã Vasconcelos, Maria Audirene, e Eduardo Galvão. No caso dos dois últimos, o curador sacaca não morreria, se transformaria em energia (Cordeiro, 2017; Galvão, 1955; Vasconcelos, 2020).

¹⁶ Banqueiros são os auxiliares de rituais. Sua imagem se aproxima àquela de “cambonos”, mas o nome “banqueiro” remete à distinção feita por Chester Gabriel (1985) para classificar os cultos mediúnicos em Manaus entre “bancas”, “searas” e “terreiros”.



É consenso entre os rezadores e rezadeiras com quem eu conversei que os encantados são pessoas como a gente¹⁷ e, portanto, podem ser boas ou más. Seu Anízio, rezador do bairro de São Joaquim, de 85 anos, me explicou que os encantados também são humanos, mas “pertencem a outra nação”. Eles conversam como nós, humanos, conversamos, numa cidade povoada assim como há em terra, com pessoas boas e pessoas ruins. Na época em que trabalhava com as linhas das águas e das matas, no início de sua jornada como rezador, Seu Anízio chegou a passar três dias desaparecido nas matas, onde vivia numa cidade como essa em que vivemos. “Lá, eles são gentes, são cristãos, como nós somos”, ele me explicou, “mas depois que se incorporam em bicho na nossa terra, eles são como bicho”.

A filha do rezador kokama, Giovana, vica-cacica da comunidade de São Joaquim, me disse que, antes de trabalhar com os espíritos do ar, como faz hoje, a prática de cura de seu pai era diferente e muito sofrida. Quando trabalhava com os espíritos das águas, a família precisava ter muito cuidado para não o contrariar. Qualquer raiva ou chateação feita para com ele o levava a entrar no rio e desaparecer. Sua família passava horas o procurando. Isso porque o perigo de “não voltar” é experimentado pelos rezadores que se formam no fundo. Micaela, rezadeira de 43 anos, disse ter visitado o encanto apenas uma vez. Ficou apreensiva em retornar e se apaixonar por algo dali, pois as coisas “eram muito bonitas”, com muitas pessoas brancas e de olhos claros¹⁸. Enamorar-se por algo/alguém do encanto, ela me contou, significa abrir mão do seu espírito¹⁹ e nunca mais voltar, encantando-se.

É por conta desses perigos que muitas dessas visitas ao fundo são, de distintos modos, “guiadas”. A viagem de Dona Jurema (53 anos, bairro Santa Terezinha) foi guiada pelo caboclo Ubirajara logo em seus primeiros trabalhos espirituais. Ao dormir, à noite, era levada pelo caboclo às profundezas das águas, entrando na boca do que parecia uma cobra grande, mas que logo se revelou uma grande cidade. Nesse registro, a cobra *é* a cidade, não *passa* pela cidade, diferentemente do que me foi descrito por Cristiomar e Higson.

¹⁷ Perspectivismo. Citar Viveiros, citar Maués, citar Wawziniak.

¹⁸ Sobre a presença de brancos no fundo como símbolo da colonização, as formulações de Lima (2014) a partir do perspectivismo ameríndio são interessantes para a discussão que pretendo fazer aqui.

¹⁹ Perder a noção de quem se é (Viveiros de Castro, 2011).

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Ali, as pessoas eram “de todo jeito, gente com o nariz torto, com a perna torta” e encontravam-se verticalmente opostas a si, quase de cabeça para baixo. Elas ofereciam-lhe comidas, bebidas e verduras, mas ela já havia sido alertada por Seu Ubirajara para que não aceitasse as ofertas. A visita, ele a alertou, servia apenas para verificar se teria “coragem de enfrentar o que vem pela frente”. Com esse intuito, Seu Ubirajara passeou com ela em terra “na calada da noite”. Em cada encruzilhada, o caboclo apontava a existência de diferentes tipos de encostos e seres normalmente associados aos exus, como Tranca-Ruas. Viu essas forças fumando cigarros fortes, soprando o ar e tirando sangue de suas bocas: “Esses aí são os espíritos mais perigosos, mas a gente vai passar e eles não vão ver”, ele informou para ela enquanto passavam perto das esquinas.

Se essas entidades não a enxergavam, o perigo de que o fizessem é, também, um consenso entre os rezadores e rezadeiras, sobretudo porque esses seres, muitas vezes, assediam aqueles que portam o tom da mediunidade. Dona Auxiliadora, rezadeira do bairro São João, me contou das vezes em que foi pescar com o marido e passou mal: sentia o corpo inchar de água e, toda vez que via um boto saltar pelo rio, sentia como se estivesse o bicho pulando em si. Quanto mais o boto saltava, mais sentia o seu corpo tremer. Adoeceu nos dias seguintes, período em que passou muito frio e desconforto corporal.

Outro desses efeitos me foi relatado pela rezadeira Diva, de 65 anos, moradora do bairro Santa Terezinha. Ela me contou do encontro de seu marido, “um homem de coragem sem igual”, com o boto. No dia do ocorrido, ele estava pegando tracajá na praia quando viu um casal vindo em sua direção. Pareciam humanos, mas eram botos encantados, trajando chapéus brancos. O casal não mexeu com ele, muito embora o companheiro da rezadeira tenha sentido um arrepio nas costas. No dia seguinte, a febre alta o atacou: “Tu não ficou com medo, mas eles te viram”, ela disse. E completou: “Nós somos desse mundo, né, a outra coisa que tu vê é de outro mundo. Que é estranho já. Não é assim como nós estamos aqui. Aí afeta o corpo, porque o nosso corpo não aguenta. Ninguém ‘não’ vai aguentar um morto vindo pra nós pegar, porque ele já é de outro mundo”.

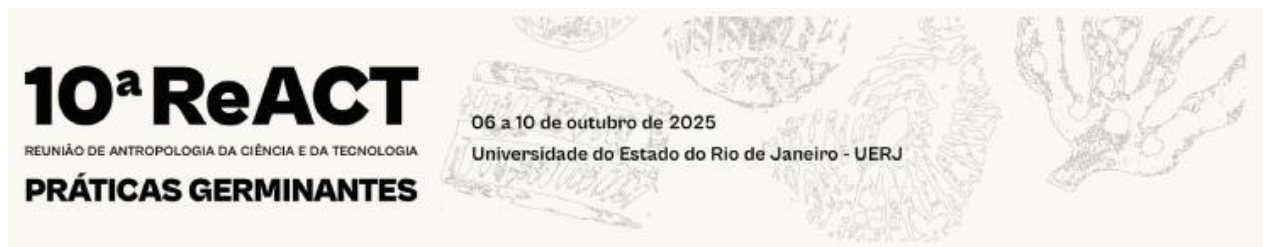
Os seres do encanto, portanto, estão à espreita e possuem capacidade de afetar os corpos humanos, em bons ou maus encontros. Por esse motivo, o espaço também se manifesta em delimitações temporais. Exemplo disso é a existência de horários impróprios para as crianças brincarem fora de casa, fato disseminado entre os ribeirinhos. Em meus primeiros dias em campo,

esbarrei em Igor, neto da falecida rezadeira Luzia, enquanto tomava café da manhã no Clube das Mães, localizado na praça central. Segundo o rapaz, os antigos contavam que a Escadaria do Sacrifício era uma porta de entrada e saída de espíritos. Por esse motivo, os pais não deixavam as crianças brincarem ali às 6h e às 18h, principalmente às segundas-feiras, porque “é o dia que os espíritos fazem festa”.

Um primo seu, quando criança, chegou a brincar no local nesses horários impróprios e teve um princípio de AVC: ouvia as vozes lhe chamando, mas não conseguia retornar. Foi Luzia quem socorreu-lhe. A rezadeira Diva reforçou a ideia de que existe um encanto em frente ao Escadão, bem como na “boca do Jandiatuba”. A rezadeira Micaela me citou ter sido proibida de tomar banho desse trecho até o rio Camatiã na época em que trabalhava como banqueira, pois corria o risco de ser levada. Para Dona Jurema, às 6h, 12h e 18h, “os demônios estão soltos”. Eles se manifestam em todos os aspectos e, por isso, nós na Terra precisamos estar preparados para não recebê-los.

As interações entre as pessoas que moram no fundo e as pessoas de cima não são baseadas somente na inimizade. Em distintos recortes, as pessoas de cima estabelecem com os seres do fundo relações de proximidade e, por vezes, de parentesco. Mencionei acima a relação do rezador Cristiomar com a sua companheira encantada. Ele foi apresentado a ela por Sete Encruzilhadas, um exu que mora na cidade do fundo. Ao apresentá-la, disse a ele que ele poderia viver com ela como namorado, mas que caso quisesse reproduzir-se com ela, precisariam casar-se, o que implicaria em ela assumir um corpo humano e passar a viver como ele como um casal no mundo “de cima”. Os seus filhos com ela seriam, nesse sentido, pessoas vivas, humanas. Cristiomar, que já é casado e possui dois filhos, optou por não seguir esse caminho e focar na criação dos filhos que já possui.

Esse tipo de relação também apareceu nas conversas que tive com a rezadeira Jurema. Ela conheceu o encantado Marco Coimbra em formato de boto, enquanto chorava à beira do rio Jutai numa viagem que fazia com o seu primeiro marido. Ela tinha apenas 15 anos, enquanto o então esposo tinha 45 anos. Ciumento, ele tolhia a liberdade dela e era agressivo quando ela tentava ter “algo seu”. O encantado sentiu a tristeza da rezadeira e aproximou-se dela nesse episódio. Após alguns anos de instabilidade com a sua mediunidade, Marco tornou-se uma importante peça na dinâmica familiar construída por Dona J.. Quando parou de trabalhar com ele, os filhos passaram



a sentir falta dos conselhos dados pelo encantado, um pai para eles. Paciente, atencioso e sábio, as saudades de Marco traduziram-se nas lágrimas que correram pelo rosto da filha de Dona J. ao me contar sobre a relação que tinha com o encantado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Edna Ferreira. **Terra Caída: Encante, Lugares, Identidades**. 2002. 263 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

BUENO, Maria Isabel Cardozo da Silva. **Sobre encantamento e terror: imagens das relações entre humanos e sobrenaturais numa comunidade Ticuna (Alto Solimões, Amazonas, Brasil)**. 2014. 252 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CORDEIRO, Marina Audirene de Souza. **“A canoa da cura ninguém nunca rema só”: o se ingerir e os processos de adoecer e curar na cidade de Parintins (AM)**. 2017. 282 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2017.

GABRIEL, Chester. **Comunicação dos Espíritos: Umbanda, cultos regionais e a dinâmica do transe mediúnico**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1955.

GOMES, Kirna Karoleni Vitor. **“Por trás das máscaras sempre dançamos”: etnografia da etnicidade e territorialidade em São Paulo de Olivença (AM)**. 2019. 139 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2019. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8018/11/Disserta%c3%a7%c3%a3o_%20KirnaGomes_PGAS.pdf. Acesso em: 30 jan. 2025.

GOMES, Fabiam Chota. **Processos fluviais e implicações portuárias para as cidades de São Paulo de Olivença, Amaturá e Santo Antônio do Içá, na calha do Rio Solimões-AM**. 2023. 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2023.

LEACOCK, Seth; LEACOCK, Ruth. **Spirits of the deep: a study of an afro-brazilian cult**. Garden City, New York: Anchor Books, 1975.

LIMA, Deborah de Magalhães. O homem branco e o boto: o encontro colonial em narrativas de encantamento e transformação (médio rio solimões, amazonas). **Revista Teoria & Sociedade**, [s. l.], nº Número especial-Antropologias e Arqueologias Hoje, 2014. Disponível em: <https://bib44.fafich.ufmg.br/teoriaesociedade/index.php/rts/article/view/115>. Acesso em: 1 set. 2025.

MAGALHÃES, Aline Moreira. **Esquecer-se de si: morte, emoções e autoridades em uma comunidade Ticuna**. 2014. 208 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PACHECO, Gustavo de Britto Freire. **Brinquedo de cura: Um estudo sobre a pajelança maranhense**. 2004. 284 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

PENAFORTE, Gilcirley Santana. **Ofício de fé: rezadeiras no município de São Paulo de Olivença-AM**. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura da Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Tabatinga-AM, 2021. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8457/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o_GilcirleyPenaforte_PP_GSCA.pdf. Acesso em: 5 fev. 2025.

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. **A cabocla Mariana e a sua corte ajuremada: modos de pensar e fazer festa em um Terreiro de Umbanda em Santarém, Pará**. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2017.

REIS, Josimar Pereira da Silva. **Cidades ribeirinhas da Amazônia: a relação entre produção do espaço urbano e a dinâmica fluvial na cidade de São Paulo de Olivença-AM, Brasil**. 2022. 172 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2022.

RODRIGUES, Francisco Gleison de Souza. **Terras caídas: riscos e desastres no município e na cidade de São Paulo de Olivença, AM**. 2024. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2024.

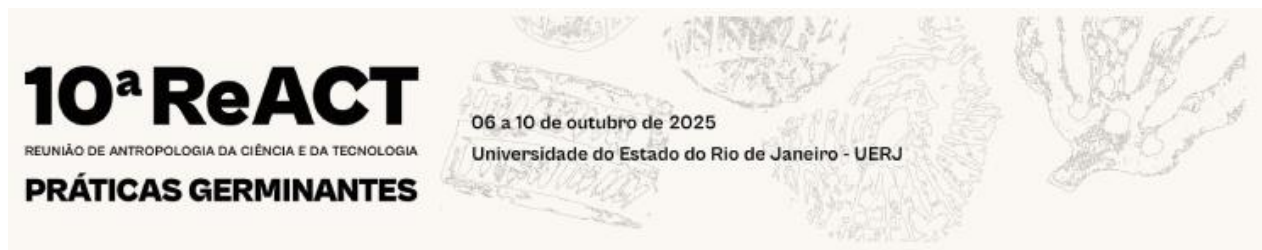
RUBEM, Erik Gonçalo. **O benzimento e os saberes tradicionais em saúde no município e Amaturá-AM**. 2022. 141 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

SALGADO, Liliane Lizardo. **Mutawarisá: benzimento entre os Baré de São Gabriel Da Cachoeira - Alto Rio Negro**. 2016. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2016.

VASCONCELOS, Kauã. **Nas Margens de Lá: entre caboclos e caruanas na encantaria marajoara**. 2020. 197 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2020.

VERAS, Hermes de Sousa. **Convivendo com seres encantados: Encontros e percursos da encantaria de Rei Sabá em São João de Pirabas, Pará**. 2022. 247 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O medo dos outros. **Revista de Antropologia**, [s. l.], vol. 54, nº 2, p. 885–917, 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/39650>. Acesso em: 2 set. 2025.



WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.